

# Entrevista a um ex-marinheiro do Rio Douro



S a n d r a   C a r d o s o

## Breve Introdução

Sinfães, como se escrevia no passado, é uma vila cujo povoamento remonta à pré-história. Banhada pelo Rio Douro esta região deve grande parte do seu desenvolvimento a esta indispensável via de comunicação, na medida em que, em tempos remotos a ausência de estradas e pontes, ou as suas más condições, levaram ao isolamento de muitas regiões.

Estamos perante uma região cujos recursos económicos, interações e todo o processo de socialização do indivíduo estavam condicionados aos recursos e contextos económicos, sociais, culturais e políticos da região, criados pelos próprios habitantes. Toda esta situação é alterada graças ao Rio Douro, que através do barco Rabelo permitiu ao povo cinfanense interagir com outros povos, encontrar novas fontes monetárias, dar a conhecer os seus produtos e, paralelamente, conhecer produtos de outras regiões. Neste sentido, muitas mercadorias (como o vinho e a cereja) eram transportadas rio abaixo até ao Porto sendo muitas, posteriormente, exportadas para o estrangeiro. Analogamente, chegaram a Cinfães produtos aos quais a população de outra forma nunca teria acesso (como o bacalhau e o sabão). Assim, face à ausência de outras formas de transporte, o barco Rabelo afigurou-se como um instrumento primordial no porte de produtos.

Podemos depreender daqui, que o Rio Douro foi extremamente relevante para os cinfanenses em dois aspectos fulcrais. Por conseguinte, significou para estes povos uma forma de obter novas fontes de rendimento, não só através da venda dos produtos em si mesma, mas também devido a toda a mão-de-obra inerente ao

processo de transporte dos mesmos. Por outro lado, apresentou-se como um motor de transmissão cultural e social, um meio de aquisição e comunicação de conhecimentos, hábitos e costumes, enfim, como um importante factor de socialização.

Na sequência do que foi referido, será de seguida apresentada uma entrevista realizada a um cinfanense, o senhor Joaquim da Costa Fernando Castelo, que foi marinheiro no Rio Douro, o qual, melhor que ninguém poderá explicar o que este rio representou para os cinfanense, bem como a importância que teve ou não enquanto via de comunicação e transmissão social.

**Entrevista n.º 1**

**Dia:** 20/4/07 • **Início:** 15:00 h • **Fim:** 15: 45 h • **Local:** Residência do entrevistado

---

**Nome:** Joaquim da Costa Fernando Castelo

**Idade:** 72 anos

**Nível de escolaridade:** Não tem qualquer nível de escolaridade (aprendeu a escrever na tropa)

**Estado civil:** Casado

**Profissão:** No momento encontra-se reformado

**Zona de residência:** S. Cristóvão de Nogueira – Cinfães do Douro

---

*Quando e porque razão começou a trabalhar no Rio Douro?*

Comecei .... Quando comecei a trabalhar no Rio Douro foi quando começamos a trabalhar com os barcos rabelos.

*Mas que idade é que tinha?*

Eu tinha mais ou menos 12 anos, ..., ou até que fosse 14 anos, mais ou menos 14 anos!

*Começou a trabalhar porquê? Não andava a estudar, estava em casa e ....*

Estava em casa e trabalhei porque os barcos eram nossos, era por nossa conta, trabalhava com os barcos!

*E, antes de ir trabalhar nos barcos o que fazia?*

Ah ... Isso antes trabalhava, isso era nas terras, fazia pouca coisa!

*E não ganhava, então?*

Não, não ganhava nada!

*Quando começou a trabalhar nos barcos ganhava, começou a ganhar algum dinheiro?*

Ah ..., enquanto era por conta dos meus pais não ganhava nada, porque os barcos eram mesmo nossos, a gente, ..., nós trazíamos homens a trabalhar por nossa conta, pagávamos aos homens, entende?! Andavam três homens, que eram três

marinheiros, e eu que era o garracho, que era, faz de conta que era o dono do barco, eu é que governava o barco, eu é que ...

*Então, quando trabalhava no rio, a sua tarefa era sempre a mesma ou, ..., ou ia fazendo várias coisas?*

Ah .... Fazia várias coisas!

*O quê, por exemplo?*

Por exemplo eu, hum ..., eu fazia outros serviços, por exemplo, ah..., carregamos, descarregamos!

*Hum, hum...*

Fazíamos outros serviços, nós tínhamos sempre serviços a fazer! Às vezes depois íamos apanhar fruta, o meu falecido pai era negociante de fruta, comprava fruta e íamos apanhar cereja!

*E, essa fruta que apanhavam era para depois levarem nos barcos para vender?*

Era, essa fruta era carregada aqui, aqui na Praia de Mourilhe, e era transportada para o Porto pr'a ir pr'o mercado!

*Hum, hum! E, os barcos com que trabalhavam eram todos do seu pai, não havia ...*  
Não, eram todos do meu pai, do meu falecido pai! Tínhamos, nós tínhamos três barcos!

*Então, e nas viagens que vocês faziam a tripulação era constituída por si ...*

E por mais três homens!

*Que ajudavam, na ... , mas quem é que comandava o barco?*

Quem comandava o barco era eu, eu é que comandava o barco!

*E os barcos que vocês tinham eram vocês que os construíam ou compravam-nos já ...*

Não, não era, era, ..., tínhamos, eram carpinteiros! O meu falecido pai chamava o pessoal, os carpinteiros ao dia, pagávamos e é que faziam os barcos, era! ... Mas não éramos nós que fazíamos os barcos, tínhamos carpinteiros para fazer!

*E sabe que matérias usavam para fazê-los, tinha algum conhecimento sobre isso?*

Levava madeiras, levava, ah ..., levava pregos, depois levava verdubos, levava outras coisas quaisquer, levava as apegadas ... Isso é tudo em madeiras e a parte de baixo é que é tudo feito em tabuado, pois! E, depois era pregado com pregos, levava, era tapado as rachas com instrumentos e depois levava breu, que breu era uma coisa que se comprava ao próprio, derretia-se aquilo numa panela grande e levava sebo de ovelha, aquele sebo de ovelha era derretido também já separado e

depois deitava-se, misturava-se tudo com aquilo! Depois aquilo era, ..., fazia-se das peles das ovelhas, fazia-se os cospeiros, chamava-se os cospeiros, não é?!

*Hum, Hum ...*

Depois aquilo era molhado naquele breu e aquilo era chegado, ficava tudo amarelado, ficava tudo tapado, não entrava água nenhuma dentro! Eh!

*Hum, hum! E os barcos, vocês tinham barcos específicos para transportar determinados produtos, ou um barco podia transportar qualquer produto?*

Podia transportar tudo, um barco .... Quer dizer, se os produtos fossem maiores, mais, levávamos um barco maior, porque nós tínhamos um barco de seis toneladas, um de dez e outro de vinte, que era uma barquinha, chamávamos-lhe a barquinha! E nós quando, ..., nós regulávamos com a carga não é?! Por exemplo quando tínhamos muita carga levávamos barco maior, não é?! Porque não podia ficar, quando era menos, levava-se menos!

*Hum, hum ...*

Agora o pessoal a trabalhar é que era, era sempre o mesmo, eramos sempre quatro, eram três homens e eu!

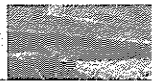
*E, ..., que produtos ou materiais vocês transportavam nos barcos e para onde é que os levavam?*

Ai isso era, nós levávamos, carregávamos era, ..., no tempo da cereja era só cereja, saíamos daqui, por exemplo, à noite, por volta das oito horas, e às cinco horas da manhã tínhamos que estar no Porto! Depois chegávamos lá era descarregada, havia lá mulheres, carrejonas, para acartar aquilo para o mercado que era para à hora que o mercado abria, às sete horas, e a fruta tinha que lá estar, a cereja! Isso era, por exemplo, durante o mês de Maio, por exemplo, fins de Abril princípio de Maio que é agora o tempo da cereja, não é?! Mais ou menos!

*Sim!*

Depois, tirante isso, vamos sempre, carregamos, levamos carga, ..., carregamos, transportamos vinhos de consumo, vinhos de consumo que era vinho verde, porque se fosse, por exemplo, dizer vinho eles podiam perguntar que vinho era, porque ele há vinho jeropia, .... Mas nós era vinho de consumo, que era vinho verde, era tudo daqui para baixo! Levávamos vinho, acartávamos vinho, levávamos colmos, levávamos sacos, ..., farrapos, colmo, levávamos frutas, lenha, madeira, tudo o que aparecesse a gente levávamos tudo! A gente ganhávamos o frete!

*Hum, hum... E ..., os produtos iam todos para o Porto, o destino dos produtos que carregavam aqui era o Porto?*



Era, quer dizer, tínhamos também produtos que descarregávamos por ai a baixo! Por exemplo, o meu falecido pai tinha farinhas, porque tínhamos ali em baixo em Costuma um padeiro, que também já morreu, já há muito ano, que gastava-nos sempre 50 ou 60 arrobas de farinha por semana e nós tínhamos que a levar! Era aqui muido o milho, o meu falecido pai comprava o milho, muiamos aqui o milho e a farinha era transportada lá para baixo, para Costuma! Pois! E também tínhamos um, por exemplo, ali em Melres, em Melres tínhamos ali também um freguês que nos comprava geropia! O meu falecido pai, por exemplo, comprava jeropia e então pegávamos, levávamos e era transportada essa geropia em pipos e também vendíamos ... Mas isso era raro, o mais, ..., sempre certo era para o Porto!

*Hum, hum ... E vocês transportavam mais produtos para o Porto do que aqueles que traziam do Porto para Cinfães?*

Dependia, dependente, ah ..., era consoante! Havia marés que havia muitos produtos para trazer para cima e havia marés que eram poucos! Por exemplo, quando era, por exemplo, a aproximar-se o Natal era muita coisa, porque nós trazíamos tudo pr' o, ..., as mercearias aqui para as vendas éramos nós que trazíamos porque naquele tempo não havia camionetas, era tudo transportado pelos barcos rabelos! Então nessas ocasiões trazíamos muita coisa, agora tirante disso trazíamos sempre quaisquer coisa, mas era menos, para baixo levávamos sempre mais!

*Mas o que é que traziam, concretamente, para cima?*

Trazíamos muita coisa ... Trazíamos açúcar, bacalhau, arroz, massa, sal, carboneto, tudo, ..., petróleo, gás, que antigamente vinha gás em tambores, era muita coisa! Sabão nas caixas de madeira, tudo, por exemplo, geralmente era tudo transportado nos barcos!

*Hum, hum ... E quando vocês chegavam à Praia de Mourilhe, como é que os produtos eram distribuídos pelos vários locais, haviam já encomendas feitas?*

Cada, cada coisa já trazia o nome do freguês!

*Então as pessoas faziam as encomendas e depois vinham lá busca-las à praia!?*

Pois! Não, a gente mandava-as lá pelos carteiros, havia as carrejonas que iam lá acartar lá para cima! Já do Porto para cima, que elas vinham dos armazéns, que vinha tudo dos armazéns, trazia o nome das pessoas, para quem era, trazia, por exemplo, vinha para Joaquim Faria, vinha pr' o Mário Soares, vinha assim para, ..., já vinha o nome numa tableta em madeira marcado e tudo para quem era! Chegávamos aqui dizíamos pronto, " olha tu vais levar este carregó é para fulano tal!"

*Então essas carrejonas sabiam quando vocês chegavam quando à praia de modo a estarem lá para acartar os produtos?*

Pois, quando elas davam fé dos barcos vir iam logo, porque o que elas queriam era ganhar o dinheiro!

*E elas ganhavam o frete ...*

Ganhavam o carretito que lhe pagavam!

*Mas quem é que lhes pagava?*

Isso era por conta dos que faziam as encomendas!

*Hum, hum ... E quantas viagens é que vocês faziam mais ou menos por semana para o Porto?*

Era, era uma viagem!

*Uma por semana?!*

Era, quer dizer no tempo da cereja fazíamos duas! Agora tirante isso fazíamos uma viagem, porque durava às vezes, .... Quando era de Verão fazia-se uma viagem em dois dias, dois dias e meio fazia-se uma viagem, íamos e vínhamos em dois dias e meio! Mas quando era de Inverno não, de Inverno demorávamos, por exemplo, uma semana, por exemplo, às vezes um homem ia à segunda-feira e chegava aqui ao fim-de-semana! No Inverno o rio era maior e demorava mais, o barco ao trazer do Porto para cima custava mais, a água empurrava mais!

*Então, mas tirando o tempo de Inverno, vocês demoravam mais ou menos quanto tempo a ir e vir?*

Aí isso agora tirante o Inverno, de Verão fazíamos duas viagens, era dois dias e meio, três dias no máximo!

*Mas de Inverno ...*

De Inverno nós era uma semana uma viagem! Agora de Verão, por exemplo, no tempo da cereja fazíamos, eram duas viagens por semana que fazíamos!

*Mas de Verão quanto tempo demoravam mais ou menos numa viagem?*

Era dois dias e meio mais ou menos!

*E vocês não paravam muitas vezes pelo caminho, só paravam quando tinham então que descarregar ...*

Era, era sempre, nós era sempre! Só parávamos à noite para dormir, porque nós comer e dormir era tudo nos barcos!

*E vocês chegavam ao Porto, descarregavam e dormiam lá?*

A gente chegávamos ao Porto, por exemplo, no tempo da cereja chegávamos ao Porto de manha! Chegávamos lá de manha descarregávamos e depois a cereja ia para o mercado, depois nós carregávamos os cestos vazios, que antigamente eram cabazes em madeira! Carregávamos a coisa e vínhamos, saímos de lá do Porto e ficávamos a meio de viagem, por exemplo aí para Pé de Moura ou assim, e ao outro dia é que chegávamos aqui!

*Hum, hum...*

Depois chegávamos aqui ao outro dia carregávamos e depois tornávamos a ir! (sorriso)

*E vocês durante a viagem, para passar melhor o tempo vocês cantavam ou ...*

Às vezes cantávamos ao desafio, mas era poucas vezes, íamos muito era a conversar, não é!? À noite a gente estava cansado de trabalhar, queria era dormir e ..., comíamos, a comida fazia-se sempre nos barcos! O barco era o hotel, dormia-se e comia-se, fazia-se ali tudo!

*Vocês usavam os barcos para o transporte de produtos, e para actividades como a pesca?*

Não, aqui não ...

*E vocês quando traziam os produtos ou quando os levavam para o Porto, qual era o sistema de troca, ou seja, vocês trocavam produtos por dinheiro ou produtos por produtos?*

Não, não, era pago por dinheiro, tanto aqui como no Porto! Trazíamos, por exemplo, e era pago "x" por arroba!

*E no Porto, havia boas condições para fazerem a carga e a descarga?*

Não, a gente no Porto encostávamos lá o barco, descarregávamos, era sempre debaixo da Ponte D. Luís! Chegávamos ali e descarregávamos ali, aquilo ia para o mercado e depois ao cabo de um mês ou assim, íamos lá e recebíamos o frete!

*Aí só recebiam ao cabo de um mês?!*

Era ao cabo de um mês, era recebíamos o frete, do que levávamos, da mercadoria, aquilo era pago por cabaz, aquilo era, por exemplo, naquele tempo era, por exemplo, 10 ou 20 escudos cada cabaz naquele tempo!

*E, pela experiência que o senhor tem no rio, entende-o como sendo de fácil ou de difícil navegação?*

Ah... Tinha sítios que era mau passar! Tinha já aqui o Ponto Novo que era um sitio perigoso tínhamos, daqui tínhamos dois pontos aqui perigosos, era o Ponto Novo e era lá baixo, chamavam-lhe a Arretorta, eram dois pontos coisos!

*E quais eram os principais obstáculos que encontravam à navegação?*

Quando havia cheias é que era pior! Era pior porque nós tínhamos marés, tivemos ocasiões de deixar ficar os barcos e vieram os marinheiros embora, fiquei lá muitas vezes sozinho, às vezes uma semana com os barcos amarrados aí para baixo, não podíamos vir com o rio grande, vinham os homens embora .... Ficavam ali os barcos encostados à espera que o rio baixasse, que a gente não podia, tínhamos aqui a Senhora Cardíaca e os barcos não passavam com as cheias!

*E recorda-se de alguma situação mais difícil que tenha vivido ou que algum colega seu tenha passado?*

Já tivemos, já fomos com o barco ao fundo duas vezes, já fomos ao fundo! O barco bateu de noite, de madrugada bateu e ele afundou! Isto que aconteceu foi de noite, foi na madrugada, foi uma ocasião da festa de S. Cristóvão, fomos de madrugada, um sábado, porque antigamente na festa de S. Cristóvão não havia noitadas, era só .... E então, nós para irmos à festa fomos de madrugada para ir descarregar a madeira que era lá baixo ao Pijão, às Minas de Pedorido, Pijão! Fomos de madrugada para irmos para irmos à festa ao outro dia, foi um sábado! Fomos de madrugada, fez-se escuro, o barco chegou ali pumba, bateu, via-se mal bateu, pronto, foi ao fundo! Mas não se perdeu nada, nem ninguém se aleijou! O barco foi ao fundo, depois encostemo-lo para lá, descarregou-se a madeira, despejou-se a água, compôs-se e tudo, lá fomos, nem o meu falecido pai chegou a saber nada disso, já aos anos que foi isso! (sorriso)

*Quando não andavam em viagem, onde é que deixavam os barcos?*

Os barcos ficavam ali amarrados na praia!

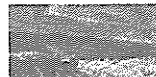
*Mas tinham alguém a guardá-los?*

Não, não tinha ninguém a guarda-los! Por exemplo, só lá se ia dormir aos barcos, por exemplo, quando era nas vésperas de ir para o Porto que antes, por exemplo, metia-se carga lá dentro, alguma carga, não é?! Não é no tempo da cereja, é fora do tempo da cereja, por exemplo, de Inverno então nessa ocasião eu ia lá dormir ao barco por causa de ninguém às vezes lá ir roubar! De resto, quando tivéssemos uma semana ou assim sem ir ao Porto, que não tivéssemos carga ou assim, os barcos estavam ali, ninguém lá ia, ninguém lá ia dormir nem nada!

*O senhor considera que existiram formas de fazer, costumes que trouxeram dos sítios por onde andaram para Cinfães e que depois se tenham tornado hábito aqui?*

Não, nós também não tínhamos muito tempo, era só descarregar e vir, não tínhamos mais .... Isto daqui para baixo, agora lá para cima para o Douro já é diferente!





*Vocês também iam para o Douro?*

É, mas não era com estes barcos! Estes barcos eram só do meu falecido pai, era daqui para baixo, e tínhamos dois barcos daqui pr'a cima, um grande que carregava 65 pipas, que isso já era um barco de sociedade, que era do meu falecido pai e de um que também já morreu, chamavam-lhe o Guedes! Então era, tínhamos esse barco que era sociedade, era um barco grande! Tínhamos dois barcos, tínhamos um de 65 pipas e tínhamos outro que carregava 30!

*Esses barcos só transportavam pipas?*

Era só para pipas, não era para mais nada, era só para pipas! Só trabalhavam de Inverno, que esses barcos de Verão não trabalhavam porque o rio era, não tinham água para passar, tinha que ser só de Inverno com o rio grande!

*Hum, hum ... Então iam ao Douro buscar ...*

Íamos ao Pocinho, à Régua, carregávamos no Pinhão, no Tua! E depois trazíamos e íamos descarregar a Vila Nova de Gaia, ..., a uma companhia inglesa que exportava tudo lá para fora! Quando chegávamos à Régua as pipas eram transportadas por carros de bois, era só um boi, era só um animal que trazia, carregava pipas de 25 e 30 almudes cada uma! Mas estas viagens demoravam quinze dias um mês de Inverno, andavam 12 homens no barco, mas já havia mesmo um mestre próprio para conduzir o barco por aí a baixo, era preciso saber, já morreu, esse homem já morreu! Sabe que o rio de lá de cima para baixo era muito perigoso! Agora não, porque tem as barragens, mas antigamente era, antigamente costumava-se a dizer "Com água de pinhão Ponto Novo e Cachão"! Quer dizer, eram os dois pontos mais perigosos do Rio Douro de lá de cima até ao Porto, era o Cachão, que é onde está a barragem da Baleira feita, e era aqui o Ponto Novo. Quer dizer, o rio também tinha outros pontos maus, mas estes dois pontos eram os piores!

*Depois que construíram a barragem acabou tudo?*

Depois pronto, acabou-se, já lá vai, já ...!

*Então o senhor deixou de trabalhar nos barcos quando foi construída a barragem?*

Pois, pois deixei, depois acabou! Depois também fui trabalhar para as barragens!

*Considera que existe algum aspecto que não foi aqui referido e que considera importante relativamente à sua experiência no rio?*

Não, assim agora que me lembre não!

*Se não há mais nada a acrescentar, tenho a agradecer-lhe pela sua atenção e disponibilidade! Muito obrigado!*

